

CORPO, METAMORFOSE E RESISTÊNCIA FEMININA: PATRIARCADO E VIOLÊNCIA RITUAL EM “YO, COCODRILO”, DE JACINTA ESCUDOS

André Rezende Benatti¹

Ana Paula Ostapenco de Souza²

Resumo: A complexa luta das mulheres contra o patriarcado e sua constante busca por transformação e autonomia é refletida especialmente em narrativas femininas. Personagens femininas, muitas vezes, encontram-se em meio a normas patriarcais, internalizando expectativas que reforçam a submissão, o que evidencia o impacto dessas normas na vida íntima e subjetiva das mulheres. Mesmo ao tentarem resistir, enfrentam obstáculos que as levam a reproduzir esses padrões, criando uma dinâmica de opressão e, ao mesmo tempo, de sutis atos de resistência. Rituais sociais, como casamento e maternidade, reforçam a ideia de que a identidade feminina está atrelada à sua função dentro da família e da sociedade, moldando a autoimagem das mulheres. Em alguns casos, a violência entre mulheres ilustra a competição em um ambiente de recursos limitados e a busca por validação masculina, desvirtuando a verdadeira solidariedade feminina e, indiretamente, sustentando o patriarcado. Um exemplo simbólico desse embate aparece na transformação da protagonista em "Yo, Cocodrilo", onde, ao se transformar em crocodilo, ela desafia as normas patriarcais, obtendo uma força que transcende os papéis impostos a ela. Esta metamorfose representa a superação dos limites e um ato de rebelião que subverte as expectativas de gênero, marcando uma ruptura radical com as tradições opressivas. No conto que será analisado neste artigo, veremos que o corpo, símbolo sagrado de identidade na sociedade, é transformado em objeto de metamorfose do sujeito, como uma estratégia de sobrevivência em um contexto patriarcal, onde rituais de mutilação feminina são praticados. Para embasar as análises, empregamos os estudos de Muñoz Álvarez (2000), Bourdieu (2010), Butler (2007) e Figueiredo (2008).

Palavras-chave: metamorfose; patriarcado; crítica feminista; Jacinta Escudos; literatura latino-americana; Yo, cocodrilo.

CUERPO, METAMORFOSIS Y RESISTENCIA FEMENINA: PATRIARCADO Y VIOLENCIA RITUAL EN “YO, COCODRILO”, DE JACINTA ESCUDOS

Resumen: La compleja lucha de las mujeres contra el patriarcado y su constante búsqueda de transformación y autonomía se refleja especialmente en las narrativas femeninas. Los personajes femeninos a menudo se encuentran en medio de normas patriarcales, internalizando expectativas que refuerzan la sumisión, lo que resalta el impacto de estas normas en la vida íntima y subjetiva de las mujeres. Incluso cuando intentan resistir, enfrentan obstáculos que los llevan a reproducir estos patrones,

¹ Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Nível C) e Professor Adjunto IV da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Atua como coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS e é editor-chefe da Revista de Estudos Literários da UEMS (REVELL). Integra a gestão acadêmico-editorial nacional como coordenador do Fórum de Editores da ANPOLL – Área de Literatura (biênio 2024–2026) e membro do Conselho Deliberativo da ANPOLL na Área de Estudos Literários (2024–2028). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>. E-mail: andrebenatti@uems.br.

² Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. E-mail: ana.ostapenko@gmail.com.

creando una dinámica de opresión y, al mismo tiempo, sutiles actos de resistencia. Los rituales sociales, como el matrimonio y la maternidad, refuerzan la idea de que la identidad femenina está vinculada a su papel dentro de la familia y la sociedad, moldeando la autoimagen de las mujeres. En algunos casos, la violencia entre mujeres ilustra la competencia en un entorno de recursos limitados y la búsqueda de la validación masculina, distorsionando la verdadera solidaridad femenina e, indirectamente, sosteniendo el patriarcado. Un ejemplo simbólico de este choque aparece en la transformación de la protagonista de "Yo, Cocodrilo", donde, al transformarse en cocodrilo, desafía las normas patriarcales, obteniendo una fuerza que trasciende los roles que le imponen. Esta metamorfosis representa la superación de límites y un acto de rebelión que subvierte las expectativas de género, marcando una ruptura radical con las tradiciones opresivas. En el relato breve que se analizará en este artículo, veremos que el cuerpo, símbolo sagrado de identidad en la sociedad, se transforma en objeto de metamorfosis para el sujeto, como estrategia de supervivencia en un contexto patriarcal, donde la mutilación femenina se practica. Para sustentar los análisis se utilizaron estudios de Muñoz Álvarez (2000), Bourdieu (2010), Butler (2007) y Figueiredo (2008).

Palabras clave: metamorfosis; patriarcado; Jacinta Escudos; literatura latinoamericana; Yo, Cocodrilo.

Introdução

Jacinta Escudos é uma proeminente escritora da literatura salvadorenha, reconhecida por sua contribuição significativa à narrativa contemporânea da América Latina. Nascida em El Salvador em 1961, a autora tem uma carreira literária marcada por sua capacidade de explorar temas complexos e desafiadores, como identidade, violência e a condição feminina. Segundo Beatriz Cortez (2007), a obra de Escudos reflete uma profunda análise da sociedade salvadorenha e das experiências de exclusão e marginalização que muitas mulheres enfrentam em contextos violentos e patriarcais. Escudos iniciou sua trajetória literária na década de 1990, e, ao longo dos anos, consolidou-se como uma das vozes mais expressivas da ficção centro-americana contemporânea, com obras como *Cuentos sucios* (1997) e *A-B-Sudario* (2003).

A autora propõe uma nova perspectiva sobre a existência humana por meio de histórias marcadas por situações insólitas e violentas. Em muitos de seus textos, essa reflexão é levada ao extremo, colocando os personagens no limite de sua própria existência através de experiências de metamorfose. Como aponta Cortez (2007), a obra de Escudos revela “uma constante reinvenção do corpo e da subjetividade como estratégias de sobrevivência diante da opressão” (p. 54). No conto que será analisado neste artigo, veremos que o corpo, símbolo sagrado de identidade na sociedade, é transformado em objeto de metamorfose do sujeito, funcionando como uma estratégia de sobrevivência em um contexto patriarcal, onde rituais de mutilação feminina são praticados. Essa metamorfose corporal é usada por Escudos para

questionar as construções sociais de gênero e as formas de violência simbólica e física impostas sobre as mulheres.

Antes de aprofundarmos a reflexão sobre o texto e suas nuances, é fundamental voltarmos o olhar para o contexto em que a autora inicia sua trajetória como escritora. Embora os dados biográficos por si só não sejam suficientes para uma análise completa de sua obra, eles oferecem uma compreensão mais ampla de seu projeto estético. Jacinta Escudos nasceu em 1971, no seio de uma família burguesa conservadora, numa época em que os cinco movimentos guerrilheiros da década de 1980 começaram a se formar. Assim, Jacinta cresceu em um ambiente onde a repressão estava presente tanto dentro quanto fora do núcleo familiar. Aos doze anos, encontrou na escrita uma forma de "salvar-se (...). Os fatos, sentimentos e reflexões que não podia compartilhar com ninguém (...), transformaram-se em poemas, volumosos diários e cartas sem destinatário" (ESCUDOS, 2004, s/p). O papel tornou-se, portanto, um espaço de conforto, onde a autora podia expressar-se livremente, além de ser um lugar de confronto com ela mesma e com a sociedade.

A partir dessa experiência, a própria autora define a escrita como um ato subversivo, pois leva quem escreve a pensar e a dizer, algo que, na época, podia ser punido até com a morte. O ambiente opressivo e a eclosão da guerra civil levaram Jacinta Escudos a um autoexílio de vinte anos, período que passou entre Nicarágua, Alemanha e Costa Rica. Durante esse tempo, desenvolveu sua produção literária, que seria publicada após o fim do conflito em 1992, com exceção de seu primeiro romance, lançado em 1987. Entre suas obras estão: *Apuntes de una historia de amor que no fue* (romance, 1987), *Contra-corriente* (contos, 1993), *Cuentos sucios* (contos, 1997), *El desencanto* (romance, 2001), *Felicidad doméstica, y otras cosas aterradoras* (contos, 2002), *A-B-Sudario* (romance, 2003), *El diablo sabe mi nombre* (contos, 2008) e *Crónicas para sentimentales* (2010). Suas narrativas são permeadas por um sentimento de desencanto em relação à sociedade, evidenciando a degradação do ser humano pelos princípios que sustentam o mundo moderno.

Neste artigo, o foco será o conto "Yo, Cocodrilo", da obra *El Diablo Sabe Mi Nombre* (2008) em que a metamorfose do corpo feminino rompe estigmas patriarcais e transforma uma pequena comunidade em uma aldeia que oprime mulheres através de rituais de mutilação. Apesar de sua importância, há uma notável escassez de estudos sobre sua obra no Brasil, o que limita a visibilidade de suas contribuições literárias e a compreensão do contexto cultural salvadorenho.

Primeiro porque a literatura feminista é ainda pouco difundida na América Latina, ainda mais quando se trata de suas próprias escritoras, com Jacinta não iria ser diferente e dentro desse contexto de invisibilidade o presente artigo vem de encontro para não só analisar um texto da escritora, mas também difundir sobre as metamorfoses das mulheres na literatura enquanto objeto de defesa e luta contra o patriarcado.

O objetivo deste estudo é ressaltar a importância de analisar a literatura latino-americana através de uma lente feminista, especialmente no que diz respeito ao conto "Yo, Cocodrilo". Este conto aborda temas de violência de gênero e resistência feminina, refletindo as experiências e desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade contemporânea. A literatura feminista latino-americana, como um todo, busca subverter as narrativas dominantes e dar voz às experiências femininas, permitindo que as autoras expressem suas realidades de maneira autônoma e crítica.

Assim, a revolução simbólica convocada pelo movimento feminista não pode ser um ato voluntarista que visasse a mudar as consciências; ela necessita de uma transformação radical das condições sociais que criaram a dominação masculina (Figueiredo, 2020, p.19).

A análise de "Yo, Cocodrilo" é particularmente relevante no contexto atual, onde questões de gênero estão em destaque nas discussões sociais e políticas. A obra de Escudos enfatiza a força e a resistência que elas demonstram diante dessas adversidades. Essa abordagem é fundamental para compreender como a literatura pode servir como um espaço de reflexão e transformação social.

Encorajar as mulheres a pensar, dizer e escrever o feminino é um gesto de autolegitimação que deixa para trás séculos de pensamento falologocêntrico que silenciou as mulheres (Braidotti, 1997, p. 136).

O incentivo para que as mulheres pensem, digam e escrevam o feminino representa uma poderosa ação de autolegitimação que desafia diretamente séculos de dominação falologocêntrica, a qual tradicionalmente excluiu e silenciou as vozes femininas. Esse movimento permite que as mulheres expressem suas próprias experiências e perspectivas, e também questiona as bases epistemológicas e linguísticas que sustentaram o pensamento patriarcal. Braidotti (1997) argumenta que, ao se apropriarem de suas próprias narrativas, as mulheres subvertem uma lógica que as objetificou e reduziram a papéis passivos, criando novas

possibilidades de interpretação do mundo que valorizam a subjetividade feminina em toda sua complexidade. Este ato de escrita e expressão do feminino é, portanto, uma forma de resistência e transformação, que não só reconfigura o lugar das mulheres na cultura e na literatura, mas também amplia as formas de compreender a experiência humana.

Figueiredo (2020, p. 20) afirma que "o feminismo assim concebido abre possibilidades para o devir-mulher das mulheres, criando um vínculo simbólico e suscitando uma aliança de mulheres.", uma perspectiva sugere que o feminismo fortalece uma rede simbólica e prática de solidariedade entre elas. Ao abordar o conto de Jacinta Escudos, observamos que a metamorfose emerge como uma ferramenta de resistência, representando a capacidade das personagens femininas de se adaptarem e se reinventarem diante de estruturas patriarcais opressoras. A transformação corporal é usada como uma estratégia de ruptura e subversão, permitindo às personagens uma nova forma de existir que desestabiliza o sistema de violência dirigido às mulheres e desafia as normas impostas sobre seus corpos e identidades.

1-Mulheres e a Replicação da Estrutura Patriarcal

A análise das dinâmicas patriarcais nas narrativas femininas, especialmente em contos que abordam aspectos da vida das mulheres, revela como as personagens femininas muitas vezes se veem imersas em estruturas que reforçam, consciente ou inconscientemente, normas patriarcais. Essas personagens, mesmo quando demonstram momentos de resistência ou de busca por autonomia, frequentemente se deparam com barreiras internas e externas que as levam a reproduzir comportamentos e padrões de submissão enraizados na cultura e nas tradições sociais. Esse processo de internalização das normas patriarcais reflete o modo como o poder patriarcal não opera apenas na esfera pública e institucional, mas também se infiltra na vida privada e subjetiva, moldando valores, comportamentos e autopercepções das mulheres.

Ao serem construídas em conformidade ou confronto com essas normas, as personagens femininas se tornam espelhos das complexas interações entre opressão e resistência. Elas ilustram, assim, a tensão constante entre a perpetuação e a subversão das expectativas patriarcais, desvendando a luta diária que as mulheres enfrentam ao tentarem afirmar suas identidades em contextos em que o poder masculino se mantém hegemônico. A análise dessas dinâmicas nos contos femininos permite compreender que a aparente conformidade das personagens com as normas patriarcais pode, muitas vezes, esconder formas sutis e silenciosas

de resistência. Essas histórias desvelam as maneiras com que as personagens, e por extensão, as mulheres na sociedade real, negociam sua agência, buscando brechas e fissuras no sistema patriarcal que as limitam, ao mesmo tempo em que criam espaço para sua própria subjetividade e voz.

As personagens femininas muitas vezes se encontram em papéis que perpetuam as normas patriarcais. Elas podem ser apresentadas como figuras submissas ou que se conformam às expectativas sociais, reforçando a ideia de que o valor feminino está atrelado à sua capacidade de atender às necessidades dos homens ou à manutenção da estrutura familiar tradicional. Essa conformidade pode ser vista como uma forma de resistência passiva, onde as mulheres buscam sobreviver dentro de um sistema opressivo, mas ao mesmo tempo perpetuam esse mesmo sistema. Para Figueiredo (2020, p.18) “percebemos que na transmissão familiar as mães são as mantenedoras da ordem patriarcal [...]. As mulheres, em sua maioria, continuam sendo sexistas e adotam atitudes que favorecem a prevalência dos homens”, um aspecto crucial na reprodução das dinâmicas patriarcais: o papel das mães como transmissoras e mantenedoras dessas normas dentro do ambiente familiar. Essa perspectiva revela como, em muitas culturas, o patriarcado não é apenas imposto externamente, mas também perpetuado pelas próprias mulheres, que adotam e ensinam atitudes que reforçam a autoridade masculina e a subordinação feminina. Esse fenômeno é, em parte, uma consequência de séculos de condicionamento social, nos quais as mulheres foram ensinadas a valorizar e proteger a estrutura patriarcal como meio de sobrevivência e conformidade.

Ao analisar como as mães, especialmente, desempenham esse papel, percebemos que a transmissão do patriarcado dentro da família é um processo complexo, onde as mulheres, mesmo com o desejo de promover o bem-estar de seus filhos, acabam replicando valores que favorecem os homens e limitam a liberdade e a autoconfiança das mulheres. Isso evidencia uma dimensão trágica da opressão patriarcal: ele não é apenas mantido por aqueles que detêm o poder, mas também por aqueles que, inseridos na estrutura, veem a aceitação dessas normas como uma forma de garantir segurança e aprovação social.

Os rituais tradicionais desempenham um papel crucial na manutenção do status quo patriarcal. Eles frequentemente celebram e legitimam a autoridade masculina, enquanto relegam as mulheres a papéis secundários. Por exemplo, rituais relacionados ao casamento ou à maternidade podem reforçar a ideia de que a identidade feminina está intimamente ligada à

sua função dentro da família e da sociedade, influenciando a autoimagem das mulheres, levando-as a internalizar esses valores.

A violência entre mulheres pode ser compreendida como um desdobramento das relações de poder internalizadas no interior das estruturas patriarcais. Nesse contexto, a violência não se apresenta apenas como imposição vertical masculina, mas também como prática horizontal, reproduzida entre aquelas que foram historicamente submetidas a um mesmo sistema de opressão. Como observa Benatti, ao tratar da literatura latino-americana contemporânea, trata-se de um espaço em que a sociedade é “permeada por uma violência visceral desde sua criação e que, de tal forma, influencia na construção estética dessas narrativas” (Benatti, 2024, p. 68). Tal violência estrutural, ao ser naturalizada, produz disputas internas, rivalidades e mecanismos de controle entre as próprias mulheres, que passam a agir como mediadoras e executoras de normas que garantem a manutenção do sistema patriarcal. Assim, a violência entre mulheres expõe como elas operam pela fragmentação, pelo conflito e pela reprodução simbólica da desigualdade. São estes temas fundamentais para entender como a narrativa feminina pode tanto refletir quanto desafiar as normas patriarcais, mostrando a complexidade das identidades femininas em contextos sociais opressivos. A análise detalhada dessas dinâmicas pode ser enriquecida por textos literários e estudos acadêmicos que abordem a intersecção entre gênero e poder.

Esses temas são fundamentais para entender como a narrativa feminina pode tanto refletir quanto desafiar as normas patriarcais, mostrando a complexidade das identidades femininas em contextos sociais opressivos. A análise detalhada dessas dinâmicas pode ser enriquecida por textos literários e estudos acadêmicos que abordem a intersecção entre gênero e poder.

Bourdieu (1998, p. 41) expressa que:

cabe aos homens, do lado exterior, do oficial, do público, do direto, do alto, do seco realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares [...], as mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, veem-se atribuídos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis ou vergonhosos. [...]. Pelo fato de o mundo limitado em que elas estão confinadas, o espaço do vilarejo, as casas, guardarem os mesmos apelos à ordem silenciosa, *as mulheres não podem tornar-se o que elas são.*

A divisão de papéis sociais e espaços atribuídos aos gêneros, evidencia a construção simbólica que associa os homens ao "exterior" e ao "alto enquanto confina as mulheres ao "úmido," ao "baixo" e ao "curvo". Essa dicotomia representa mais do que uma simples separação de tarefas; ela é uma estrutura que posiciona os homens no centro da ação e do reconhecimento social, enquanto destina às mulheres papéis secundários, menos valorizados, e até mesmo vistos com certo desprezo ou vergonha. A própria arquitetura social do espaço parece, assim, reforçar uma lógica patriarcal onde o "baixo" e o "invisível" se tornam as fronteiras de atuação das mulheres.

O conceito de "ordem silenciosa" mencionado por Bourdieu é especialmente significativo, pois indica que as mulheres, ao serem confinadas a esses espaços limitados e repetitivos, têm sua subjetividade e potencial de atuação social reprimidos. Estando imersas em um ambiente que lhes impõe a invisibilidade e o silêncio, as mulheres são impedidas de desenvolver plenamente suas próprias identidades e de atuar no espaço público com a mesma autonomia e reconhecimento que os homens. Essa construção, conforme Bourdieu sugere, é mais do que uma questão prática; é uma questão simbólica que se retroalimenta, mantendo as mulheres dentro de uma esfera privada e "menor" que restringe sua possibilidade de expressão e agência.

Dessarte, Bourdieu ilumina a profundidade da divisão de papéis de gênero na sociedade e a complexidade do sistema de dominação patriarcal, no qual o próprio espaço e os valores simbólicos a ele associados reforçam e perpetuam a posição subalterna das mulheres. Para romper com essa ordem silenciosa, seria necessário desestabilizar as normas simbólicas e espaciais que limitam e definem o que homens e mulheres podem ou não fazer na sociedade.

As personagens frequentemente internalizam as normas patriarcais e se conformam a elas. Ao abraçar papeis tradicionais, como o de cuidadoras ou esposas submissas, elas validam essas expectativas e perpetuam a ideia de que seu valor reside em sua capacidade de servir aos outros. A busca por validação externa, muitas vezes através da aceitação masculina, leva as mulheres a moldarem suas identidades de acordo com o que é desejado por um padrão patriarcal. Essa subjetividade é utilizada para reforçar a ideia de que as mulheres devem ser agradáveis e obedientes, limitando sua autonomia.

A subjetividade feminina pode se manifestar em rivalidades entre mulheres, onde a competição por atenção masculina ou status social resulta em ações que sustentam a hierarquia patriarcal. Conforme aponta Eurídice Figueiredo, Margareth Atwood disse em um dos seus

artigos (2018) “Uma guerra entre mulheres, diferente de uma guerra em favor das mulheres, sempre agrada àqueles que não desejam o bem das mulheres” (Figueiredo, 2020, p.27). Muitas personagens adotam narrativas de sacrifício, em que colocam as necessidades dos outros acima das suas, esta escolha, embora possa parecer uma forma de empoderamento, muitas vezes reforça a ideia de que o papel da mulher é o de se sacrificar pelo bem-estar da família ou da sociedade. Os elementos mostram como a subjetividade feminina, longe de ser uma forma de resistência, pode ser cooptada para manter e legitimar estruturas patriarcais. A análise dessas dinâmicas é essencial para compreender as complexidades das identidades femininas dentro do contexto narrativo.

A metamorfose da protagonista em "Yo, Cocodrilo" reflete a luta contra as expectativas de gênero de várias maneiras significativas, a transformação em crocodilo simboliza uma ruptura com os papéis tradicionais atribuídos às mulheres na sociedade. Ao se transformar em uma criatura que representa força e instinto, a protagonista desafia as normas que a delimitam como mulher.

Me pareció curioso. Ser animal y ser persona. No me preocupaba, me parecía divertido. Pasaba las tardes en los matorrales del arroyo, con los demás amigos cocodrilos. Hablábamos de los animales cazados, de los críos, del calor y del agua. Y de los humanos que vivían en la aldea. Los demás cocodrilos no creían que yo era humana. Hasta que me vieron convertirme en yo. Los cocodrilos más ancianos dijeron que el humano que podía transformarse en animal, era un hechicero. Y así, los demás cocodrilos me respetaron y me prometieron ayudarme en toda circunstancia, porque sabían que yo sería buena con ellos.³ (Escudos, 2008, p. 72).

A metamorfose da protagonista transcende a simples transformação física, conferindo-lhe um novo senso de poder e autonomia que desafia diretamente as restrições impostas pela sociedade. Esse processo de transformação lhe proporciona uma identidade renovada, que, ao desviar-se das pressões sociais e das expectativas comportamentais, promove uma autoafirmação que colide com as normas patriarcais vigentes. Nesse contexto, a luta da

³ Achei curioso. Ser animal e ser pessoa. Isso não me preocupava, parecia-me divertido. Passava as tardes nos arbustos do arroio, com os outros amigos crocodilos. Falávamos dos animais caçados, dos filhotes, do calor e da água. E dos humanos que viviam na aldeia.

Os outros crocodilos não acreditavam que eu fosse humana. Até que me viram transformar-me em mim mesma. Os crocodilos mais velhos disseram que o humano que podia transformar-se em animal era um feiticeiro. E assim, os demais crocodilos passaram a me respeitar e prometeram ajudar-me em qualquer circunstância, porque sabiam que eu seria boa com eles (Escudos, 2008, p. 72, tradução nossa).

protagonista se revela complexa: ela não se opõe apenas às figuras masculinas que representam a autoridade tradicional, mas também enfrenta a opressão internalizada, frequentemente reforçada por outras mulheres da comunidade que perpetuam as normas restritivas.

A metamorfose simboliza, assim, a superação dos conflitos internos e externos que buscam moldar seu comportamento. Ao se transformar em um crocodilo, ela executa um ato radical de rebelião, rompendo com as tradições e os valores de sua aldeia. Essa nova forma, associada a um animal visto como perigoso e indomável, reflete seu afastamento das normas de submissão e conformidade, marcando sua recusa em se submeter aos papéis que lhe foram impostos. A radicalidade da transformação provoca reações intensas na comunidade, que vê seu gesto como uma ameaça à ordem estabelecida, evidenciando a resistência coletiva à ruptura de padrões tradicionais.

2-Metamorfose e Resistência ao Patriarcado

A transformação da protagonista em crocodilo simboliza uma quebra radical com as expectativas de gênero impostas pela sociedade. O crocodilo, como figura poderosa e temida, representa uma rejeição das normas femininas tradicionais que frequentemente limitam as mulheres a papéis submissos. Essa metamorfose não é apenas física, mas também psicológica, permitindo que a protagonista se liberte das amarras sociais que definem seu valor e identidade. A escolha do crocodilo, um predador, sugere uma nova forma de força e autonomia que desafia as narrativas de vulnerabilidade frequentemente associadas às mulheres.

Melara (2014. P. 22) cita Toril Moi em seu trabalho que graduação *Mujer y literatura en El Salvador*, que se aplica de forma equivalente à metamorfose escrita por Escudos “el monstruo mujer es aquella mujer que no renuncia a tener su propia personalidad, que actúa según su iniciativa, que tiene una historia que contar en resumen, una mujer que rechaza el papel sumiso que el machismo le ha asignado”⁴ (Moi, 1988, p 69).

A definição de "monstro mulher" apresentada por Moi (1988, p. 69) traz uma poderosa imagem da mulher que recusa os papéis tradicionais e submissos que lhe são impostos pela sociedade patriarcal. Esse conceito aborda a mulher como alguém que, ao insistir em sua

⁴ A mulher-monstro é aquela mulher que não renuncia a ter sua própria personalidade, que age segundo sua própria iniciativa, que tem uma história para contar; em suma, uma mulher que rejeita o papel submisso que o machismo lhe atribuiu” (Moi, 1988, p. 69, tradução nossa).

individualidade, em sua história e em sua autonomia, é vista como uma ameaça ao sistema machista, o que a torna, na lógica patriarcal, uma "monstruosidade". Ao se afastar dos estereótipos de submissão e passividade, a "mulher monstro" não se encaixa nos moldes convencionais e, por isso, desafia as normas de gênero que mantêm a ordem patriarcal intacta.

Essa caracterização revela a violência simbólica exercida sobre as mulheres que ousam reivindicar sua própria identidade, como se o simples ato de afirmar sua subjetividade fosse algo antinatural ou ameaçador. A "monstruosidade" associada à mulher que se recusa a ser domesticada é, na verdade, uma reação do patriarcado ao medo da emancipação feminina e à possibilidade de que as mulheres possam ser autônomas, ativas e protagonistas de suas histórias. Em outras palavras, o monstro mulher é um símbolo de resistência, uma figura que subverte a ordem, recusando-se a ser silenciada ou anulada.

A visão de Moi (1988) ressalta que o "monstro" não está na mulher em si, mas na percepção patriarcal que tenta desumanizar e descreditar qualquer mulher que desafie os papéis estabelecidos. Assim, essa ideia de "monstruosidade" transforma-se em uma metáfora potente para a liberdade, a resistência e a afirmação de uma identidade autêntica, independente das restrições impostas pelo machismo. Além de confrontar figuras masculinas que representam o patriarcado, a protagonista também enfrenta opressão de outras mulheres, refletindo a complexidade das relações femininas em contextos patriarcais. Essa dinâmica é crucial para entender como as mulheres podem perpetuar normas opressivas entre si. A luta interna da protagonista revela um aspecto importante do feminismo: a necessidade de solidariedade entre mulheres para superar não só as imposições externas, mas também os preconceitos internalizados que podem surgir de uma cultura patriarcal.

Me dejaron a mi suerte. Madre no quería saber nada de mi. Dormía e comía allí, pero nos le importaba si me iba o se me quedaba. Era indigna de todos y temí fueran cualquier día llevarme a la fuerza y hacerme eso que les hacían a las demás. (Escudos, 2008, p 73)⁵.

No trecho acima, podemos perceber uma experiência profunda de abandono e rejeição familiar, particularmente pela figura materna, que aqui surge como um símbolo de indiferença e desamparo. A protagonista sente-se desamparada em um espaço que deveria representar

⁵ Tradução nossa: Eles me deixaram sozinha. Mamãe não queria saber nada sobre mim. Ele dormia e comia lá, mas não nos importávamos se eu saísse ou ficasse. Eu era indigna de todos e temia que um dia me levassem à força e fizessem comigo o que fizeram com as outras. (Escudos, 2008, p. 73, tradução nossa).

acolhimento e segurança, mas que, na realidade, é um cenário de negligência e invisibilidade. A relação com a mãe, marcada pela ausência de afeto e cuidado, agrava o sentimento de exclusão e vulnerabilidade, evidenciando a complexidade da opressão feminina dentro do ambiente doméstico. Esse abandono torna-se ainda mais ameaçador quando a personagem expressa o medo de ser levada "à força" para sofrer o mesmo destino que outras mulheres.

A referência a “eso que les hacían a las demás”⁶ (Escudos, 2008, p 73) insinua a prática de violências ou rituais impostos às mulheres da comunidade, o que amplia a angústia da protagonista. Ela não só se sente rejeitada pela mãe, mas teme a violência de um sistema patriarcal que ameaça violar sua individualidade e impor-lhe o mesmo sofrimento destinado às outras mulheres. Esse medo constante e a ausência de proteção maternal refletem a normalização da violência contra as mulheres e o papel das relações familiares na perpetuação dessa violência, sugerindo que o espaço familiar pode ser um agente de opressão, sobretudo quando falta acolhimento.

Safiotti (2008, p. 115) mostra como o patriarcado é uma máquina tão em perfeitas condições que nem precisa da presença do patriarca para existir, as próprias mulheres o fazem, como um costume, uma lei implícita, “imbuídas de uma ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos ou outras crianças e adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, contribuem para alimentá-lo.

Sendo assim, como forma de combater esse patriarcado implícito dentro do conto, metamorfose em crocodilo é um marco de empoderamento para a protagonista, simbolizando um novo paradigma de poder e autonomia. Ao se transformar ela redefine sua própria identidade, assumindo o controle de sua vida e suas escolhas, rompendo com as limitações impostas pelo patriarcado. A transformação é vista como um ato de rebelião e autoafirmação, em que a protagonista se apropria de sua força interior e exterior.

Tal transformação simboliza uma ruptura com as normas de gênero tradicionais. Ao se tornar um predador temido, ela desafia a ideia de que as mulheres devem ser submissas e vulneráveis.

Pois, quando se reconhece a opressão, é preciso conhecer e experimentar o fato de que uma pessoa pode constituir a si mesma como sujeito (em oposição a objeto de opressão), que uma pessoa pode se tornar alguém apesar da opressão, que cada um possui sua própria identidade. Não existe luta possível

⁶ “isso que faziam às outras” (Escudos, 2008, p. 73, tradução nossa).

para alguém privado de identidade, não existe motivação interna para lutar, uma vez que, embora eu só possa lutar com outros, primeiro eu luto por mim mesma. (Wittig, 2019, p. 90).

A importância fundamental do autoconhecimento e da autoafirmação na luta contra a opressão, destaca-se que ao reconhecer-se como sujeito é o primeiro passo para transformar uma realidade opressiva. Quando uma pessoa se percebe como alguém que possui uma identidade própria, torna-se possível resistir e lutar contra as forças que tentam reduzi-la a um objeto. Para Wittig (2019), essa autopercepção é essencial, pois a luta coletiva só é viável quando cada indivíduo tem uma motivação interna para resistir, algo que só nasce do reconhecimento de sua própria dignidade e valor. Nesse sentido, a luta pela liberdade é tanto individual quanto coletiva, uma vez que o desejo de mudar a condição de opressão começa no entendimento de que cada pessoa possui o direito de existir plenamente como um sujeito autônomo. Assim, Wittig (2019) nos lembra que a resistência ao sistema opressor não é apenas um ato social, mas um processo profundamente pessoal, que exige que cada pessoa lute, primeiramente, por si mesma.

O crocodilo, como símbolo de poder e agressividade, representa a rejeição da opressão que as mulheres enfrentam sob o patriarcado. A protagonista, ao se transformar, não apenas se liberta das limitações impostas por homens, mas também confronta a opressão interna que pode ser perpetuada por outras mulheres. Essa dinâmica revela como o patriarcado pode afetar as relações entre mulheres e destaca a necessidade de solidariedade para enfrentar essas pressões. A metamorfose é um ato de empoderamento, permitindo que a protagonista assuma o controle de sua vida. Essa transformação representa uma nova forma de autonomia, onde ela não é mais definida por suas relações com os outros, mas sim pela sua própria força e identidade. A crítica à sociedade patriarcal se torna evidente à medida que a protagonista se apropria de sua nova forma, simbolizando uma luta contra as imposições sociais que tentam limitar seu potencial.

Dentro da crítica feminista literária, Figueiredo (2020, p. 92) afirma que “interessa-nos ver, dentro da perspectiva de uma crítica feminista, quais estratégias narrativas as escritoras do século XX e XXI usam a fim de fazer com que suas personagens femininas sejam sujeitos do seu próprio discurso”. Jacinta Escudos vem dessa escola, seus contos falam de transformações, da morte, do medo, de uma forma que o patriarcado fica distante, apenas como um visitante indesejado, o que impera são os desejos, medos, agruras e sonhos das mulheres escudianas. Esses elementos juntos mostram como a metamorfose do crocodilo serve como uma poderosa

metáfora para a resistência ao patriarcado, desafiando normas sociais e promovendo uma nova visão de empoderamento feminino.

A metamorfose em crocodilo desafia as noções tradicionais de feminilidade, que frequentemente associam as mulheres a características como fragilidade, passividade e submissão. Ao se transformar em uma criatura poderosa e predatória, a protagonista redefine o que significa ser mulher, incorporando força, autonomia e agressividade. Essa nova representação sugere que a feminilidade pode incluir uma gama mais ampla de experiências e características, além das normas sociais convencionais. Como bem teoriza e simplifica as relações de poder, Bordieu (2020, p18) “A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos.” A transformação também simboliza um ato de empoderamento. A protagonista, ao assumir a forma de um crocodilo reivindica seu direito à autonomia. Com a nova identidade ela se permite ser vista como agente de sua própria vida, desafiando a ideia de que as mulheres devem se conformar a papéis passivos. Ao se tornar um crocodilo, a protagonista não é mais vista como uma vítima, mas como uma figura que pode exercer controle e poder. Isso altera a percepção da feminilidade, mostrando que as mulheres podem ser tanto cuidadoras quanto predadoras, desafiando assim estereótipos arraigados sobre o comportamento feminino.

A metamorfose da personagem no conto “Yo Cocodrilo” funciona como uma crítica incisiva à feminilidade tradicional, ao transformar-se em crocodilo, a protagonista encarna uma nova forma de resistência. Com esta transformação radical desafia as expectativas sociais de obediência e conformidade, promovendo uma visão inclusiva e empoderadora das identidades femininas, na qual a força e a independência ganham espaço. O simbolismo da metamorfose ressalta que a identidade feminina pode e deve se libertar das amarras impostas pela sociedade patriarcal, incentivando uma reavaliação dos papéis de gênero e a aceitação de uma multiplicidade de formas de ser mulher.

3-Análise da Narradora-Personagem: Ruptura com as Normas e a Metamorfose em Crocodilo

A análise da narradora-personagem em "Crocodilo" revela uma complexidade intrínseca que reflete sua resposta às opressões sociais e culturais. A protagonista, ao longo da narrativa,

experimenta uma metamorfose que simboliza sua ruptura com as normas da aldeia e a busca por uma identidade autêntica. Ao se negar a fazer parte de um ritual tradicional e ainda com empatia a ponto de querer vingar as meninas que são submetidas a tal tratamento, encontra na forma de se transmutar em crocodilo uma solução para sua condição e uma forma de vingança daquelas que praticam tais ações.

A protagonista é apresentada como uma figura multifacetada que, inicialmente, se conforma com as expectativas da sociedade. No entanto, sua transformação em um crocodilo não é apenas física; é um reflexo de sua luta interna contra as opressões que enfrenta. Essa metamorfose representa uma resposta radical a um ambiente que limita sua liberdade e expressão, a descrição que a personagem narra a metamorfose mostra um momento de prazer, de interação do eu físico com o animalesco.

Así comienza mi fuerza, arrastrándome seductoramente, como cintura de mujer que se menea cuando camina. Tengo escamas en mis manos y una nueva y larga nariz que se extiende y pega a mi boca, llena de dientes filosos y puntiagudos.⁷ (Escudos, 2008, p 71).

Jacinta Escudos constrói uma personagem que, ao descrever sua metamorfose física, transmite um intenso processo de transformação de identidade. Segundo a análise de Beth Brait em *A Personagem* (1985), a caracterização física e comportamental de uma personagem é uma extensão de sua subjetividade e dos conflitos que enfrenta, sendo um recurso para revelar tanto sua alienação quanto sua resistência às normas que a envolvem. A protagonista, ao descrever suas escamas, sua nova “longa nariz” e seus “dentes afiados,” expõe um afastamento simbólico e literal da figura feminina convencional, desafiando as características de fragilidade e passividade tradicionalmente atribuídas às mulheres.

Essa descrição física intensifica seu isolamento social e reflete sua insurgência contra as expectativas da aldeia, que exige dela conformidade e submissão. A metamorfose pode ser entendida, à luz de Brait (1985), como um processo de autodefinição — uma tentativa de marcar sua diferença em um espaço que limita e oprime. Ao se distanciar fisicamente dos atributos humanos, a protagonista se permite explorar outras possibilidades de existência, que desafiam as regras impostas e a libertam das restrições da feminilidade tradicional. Assim, a

⁷ Assim começa a minha força, arrastando-me sedutoramente, como a cintura de uma mulher que se remexe ao caminhar. Tenho escamas nas mãos e um novo e longo nariz que se estende e se cola à minha boca, cheio de dentes afiados e pontiagudos. (Escudos, 2008, p. 71, tradução nossa).

transformação corporal dela é um reflexo de sua insatisfação e desejo de mudança, representando um movimento de resistência que, ao mesmo tempo em que a aliena, lhe concede a possibilidade de criar uma identidade que se opõe às normas patriarcais da comunidade.

Antonio Candido, em sua obra, aborda a personagem de ficção como um ser autônomo dentro do universo literário, capaz de despertar no leitor a sensação de realidade. Ele afirma que “A personagem [...] é um ser feito de palavras, mas que possui uma vida interna que o torna semelhante a um ser humano. Essa dualidade confere ao personagem literário uma complexidade única, situada entre a ficção e a realidade.” (Candido, 1989, p. 66). metamorfose em crocodilo lhe confere um caráter quase mítico, mas ao mesmo tempo profundamente humano. A fusão entre a fantasia e a humanidade da personagem permite ao leitor experimentar sua luta interna e suas contradições de maneira visceral, gerando uma identificação que transcende a estrutura fictícia. A complexidade descrita por Candido é essencial para compreender como a metamorfose, longe de ser apenas um recurso estilístico, é uma extensão simbólica de sua personalidade e de sua resistência ao sistema opressor ao qual ela está submetida. Assim, Escudos cria uma protagonista que vive entre a ficção e a realidade, espelhando questões universais sobre identidade, liberdade e resistência.

No conto, a protagonista demonstra essa autonomia ao escolher transformar-se em crocodilo para escapar das imposições sociais. Sua recusa em submeter-se ao ritual imposto pela aldeia evidencia sua resistência: “Madre había sido clara. Me dijo, ‘tienes que someterte al ritual’. Y yo le decía ‘no, prefiero ser cocodrilo’.”⁸ (Escudos, 2008, p. 72). Há uma recusa em se conformar com o papel submisso que a tradição tenta impor-lhe. Essa escolha não é apenas uma fuga, e sim um ato de resistência que afirma sua independência e sua disposição em se distanciar das normas opressivas. A metamorfose em crocodilo representa, assim, uma estratégia de autodefinição, que permite à protagonista escapar do ritual e das expectativas femininas associadas à aldeia, reforçando sua determinação em construir uma identidade livre das pressões sociais. A decisão de tornar-se um ser selvagem e temido reflete o desejo de romper com o sistema patriarcal, assumindo uma forma que simboliza força e autonomia, em contraste direto com o destino passivo reservado às mulheres da comunidade.

A personagem, portanto, adquire profundidade ao apresentar conflitos internos e tomar decisões que desafiam as normas de sua comunidade. Segundo Candido, personagens assim são

⁸ A mãe havia sido clara. Disse-me: ‘você tem que se submeter ao ritual’. E eu lhe dizia: ‘não, prefiro ser crocodilo’. (Escudos, 2008, p. 72, tradução nossa).

chamadas de "esféricas" por possuírem complexidade psicológica e evoluírem ao longo da narrativa. Além disso, a metamorfose em crocodilo simboliza a busca por uma identidade própria, livre das amarras culturais.

[...] entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação". (Candido, 2006, p.157).

No conto “Yo, cocodrilo”, de Jacinta Escudos, essa relação é evidente: a transformação da protagonista em crocodilo nasce de uma experiência pessoal de resistência e busca por autonomia, mas comunica algo mais amplo sobre as pressões sociais e as expectativas de gênero. A protagonista, ao decidir não se submeter ao ritual imposto pela aldeia, expõe um conflito interno que reflete, simultaneamente, as lutas e tensões vividas por muitas mulheres em contextos patriarcais, e essa expressão individual torna-se uma comunicação universal sobre identidade e resistência. Assim “Yo, cocodrilo”, exemplifica como uma obra de literatura pode partir de uma experiência profundamente pessoal e transformá-la em uma mensagem coletiva que ecoa as inquietações de um grupo ou de uma sociedade, permitindo ao leitor refletir sobre as pressões culturais e os impulsos individuais em sua própria realidade.

Podemos a partir desse símbolo de ruptura citar a escritora Dorotea Gímez Grijalva, que em Figueiredo (2020, p.35) afirma “seu corpo é território político, que foi nomeado e construído a partir de ideologias, discursos e ideias que justificaram sua opressão, exploração, submissão, alienação e desvalorização” e a partir dessa consciência acreditamos que a personagem escolhe se manter na forma de crocodilo e ataca todas as mulheres da aldeia, aquelas que infringem o sofrimento e aquelas que sofrem com os rituais de mutilação.

A nova forma confere à protagonista uma identidade renovada e um poder que antes lhe era negado, não é apenas um escape, mas uma afirmação de sua autonomia. Ao abraçar sua nova identidade, ela se empodera e desafia o status quo, inspirando outros a reconsiderar suas próprias limitações. A transformação da narradora-personagem ao longo da história em

crocodilo é um processo complexo que reflete seu crescimento pessoal e a luta contra as opressões que enfrenta.

Fuimos a la aldea. destruimos todo. A los únicos seres que despedazamos fueron a las mujeres de la aldea. Algunos compañeros murieron en la hazaña. Los hombres se defendían. Pero los hombres no nos interesaban. Eran ellas las que lo hacían todo. Las que cortaban, obligaban, mantenían las piernas abiertas. [...]

Ahora soy el líder de este pueblo. Mis amigos cocodrilos se la pasan muy bien. Ya no trato de convertirme en humana. Prefiero ser así, un cocodrilo con una larga serpiente que le crece entre las piernas.⁹ (Escudos, 2008, p.74).

A citação representa o ápice da transformação da protagonista, que, ao abraçar sua identidade como crocodilo, lidera uma revolta contra as mulheres de sua aldeia. A afirmação da destruição de todo o referente da aldeia, desde as casas até as pessoas, indica um ato de rebelião direcionado especificamente àquelas que perpetuavam práticas opressivas, como a mutilação genital feminina. Esse ato violento simboliza a ruptura definitiva com as tradições que a subjugavam e representa uma busca por justiça frente às injustiças sofridas.

A escolha de atacar apenas as mulheres ressalta a complexidade das relações de poder dentro da comunidade. Embora os homens sejam tradicionalmente vistos como figuras dominantes, são as mulheres que executam e mantêm vivas as práticas culturais nocivas. A protagonista observa: "Pero los hombres no nos interesaban. Eran ellas las que hacían todo. Las que cortaban, obligaban, mantenían las piernas abiertas."¹⁰ (Escudos, 2008, p.74).

Ao declarar-se líder do novo povo e afirmar que prefere ser um crocodilo com "uma longa serpente que lhe cresce entre as pernas", a protagonista abraça uma nova identidade que desafia as convenções de gênero e poder. A "longa serpente" pode ser interpretada como um símbolo fálico, representando a aquisição de atributos tradicionalmente associados ao masculino, como autoridade e autonomia. A transformação reflete a emancipação psicológica e social, permitindo-lhe ocupar um espaço de liderança e liberdade antes negado. Há uma profunda transformação da protagonista e a culminação de sua revolta contra as opressões

⁹ Fomos à aldeia. Destruímos tudo. Os únicos seres que despedaçamos foram as mulheres da aldeia. Alguns companheiros morreram na façanha. Os homens se defendiam. Mas os homens não nos interessavam. Eram elas que faziam tudo. As que cortavam, obrigavam, mantinham as pernas abertas. [...] Agora sou a líder deste povo. Meus amigos crocodilos se divertem muito. Já não tento me transformar em humana. Prefiro ser assim, um crocodilo com uma longa serpente que cresce entre as pernas. (Escudos, 2008, p. 74, tradução nossa).

¹⁰ Mas os homens não nos interessavam. Eram elas que faziam tudo. As que cortavam, obrigavam, mantinham as pernas abertas. (Escudos, 2008, p. 74, tradução nossa).

sofridas. Ao afirmar: "Madre murió y yo la vi morir, pero no sabía que su hija era yo, cocodrilo."¹¹ (Escudos, 2008, p.74), a protagonista confronta diretamente sua mãe, que representa a perpetuação das práticas opressivas. A morte da mãe pelas mãos da filha, agora em forma de crocodilo, simboliza a ruptura definitiva com a tradição e a figura materna que impunha o ritual mutilador.

A participação ativa na morte da curandeira e das outras mulheres reforça a ideia de justiça retributiva. Quando ela diz: "Participé personalmente en la comida de la curandera. Y nos encargamos también de todas las demás, porque las niñas no eran felices nunca, después del ritual. Fue un acto de piedad terminar con ellas."¹² (Escudos, 2008, p.74), evidencia-se que a protagonista vê suas ações não apenas como vingança, mas como um ato de misericórdia. Ao eliminar aquelas que causavam sofrimento, ela acredita estar libertando as futuras gerações de meninas de um destino cruel, o que aprofunda a complexidade moral da narrativa.

A observação de que "los hombres se habían ido. No pudieron defender a sus mujeres. Huyeron asustados de nosotros."¹³ (Escudos, 2008, p.74), ressalta a inversão das dinâmicas de poder. Os homens, tradicionalmente vistos como protetores e detentores de autoridade, tornam-se figuras impotentes diante da insurgência liderada pela protagonista. Essa fuga dos homens também simboliza a fragilidade das estruturas patriarcais quando confrontadas com a resistência organizada daqueles que eram oprimidos.

Por fim, ao reiterar sua escolha de permanecer como crocodilo e liderar seu novo povo, a protagonista consolida sua nova identidade: "Ya no trato de convertirme en humana. Prefiero ser así, un cocodrilo con una larga serpiente que le crece entre las piernas."¹⁴. (Escudos, 2008, p. 74) . Essa afirmação conecta-se ao comentário anterior sobre a subversão dos papéis de gênero e a aquisição de poder. A "longa serpente" continua a ser um símbolo de autoridade e transformação, indicando que além de rejeitar sua antiga vida, também redefiniu completamente seu lugar no mundo. Assim, o trecho complementa e aprofunda a análise

¹¹ Mas os homens não nos interessavam. Eram elas que faziam tudo. As que cortavam, obrigavam, mantinham as pernas abertas. (Escudos, 2008, p. 74, tradução nossa).

¹² Participei pessoalmente da refeição da curandeira. E nos encargamos também de todas as outras, porque as meninas nunca eram felizes depois do ritual. Foi um ato de piedade acabar com elas. (Escudos, 2008, p. 74, tradução nossa).

¹³ Os homens haviam ido embora. Não puderam defender suas mulheres. Fugiram assustados de nós. (Escudos, 2008, p. 74, tradução nossa).

¹⁴ Já não tento me transformar em humana. Prefiro ser assim, um crocodilo com uma longa serpente que cresce entre as pernas. (Escudos, 2008, p. 74, tradução nossa).

anterior, enfatizando a jornada de emancipação e a complexidade da protagonista em sua luta contra a opressão.

Percebemos abordagem que Escudos faz de temas profundos como resistência à opressão, subversão de papéis de gênero e a busca por identidade própria. A protagonista, ao rejeitar sua forma humana e as limitações impostas por sua cultura, simboliza a luta contra estruturas sociais opressoras. Sua transformação e as ações consequentes questionam as normas estabelecidas e apontam para a necessidade de desconstrução de práticas que violam os direitos e a dignidade dos indivíduos.

Conclusão

A metamorfose da protagonista de "Yo, Cocodrilo" é uma metáfora poderosa que desafia diretamente as normas patriarcais e explora temas de identidade, gênero e poder. Ao se transformar em um crocodilo, ela rompe com os papéis tradicionais impostos às mulheres, abandonando a passividade e submissão esperadas para assumir uma nova forma marcada por força e autonomia. Essa transformação representa uma libertação tanto das pressões externas quanto das opressões internas, muitas vezes perpetuadas por outras mulheres dentro do próprio sistema patriarcal. A escolha simbólica do crocodilo, uma criatura feroz e indomável, reforça essa rejeição das expectativas femininas convencionais, oferecendo uma nova visão de empoderamento.

"Yo, Cocodrilo" oferece uma rica oportunidade para discussões sobre como a literatura pode servir como um veículo de resistência ao patriarcado. O conto de Jacinta Escudos subverte as normas sociais ao explorar as complexidades da identidade feminina e a luta contra as expectativas opressivas. No campo dos estudos culturais, a obra serve como um estudo de caso que ilustra como a literatura latino-americana contemporânea pode articular questões de gênero, poder e autonomia, ao mesmo tempo em que reflete sobre as dinâmicas sociais mais amplas que moldam a experiência feminina.

Referências

ÁLVAREZ, Laura Sofía Muñoz. La urgencia de pensarse a las mujeres más allá de la participación: Problematizando la experiencia de las mujeres del Caribe colombiano. Trabajo de grado para optar por el título de socióloga. Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Ciencias Sociales Departamento de Sociología. Bogotá, 2020.

BENATTI, Andre Rezende. A violência como elemento transformador em “Yo, Cocodrilo”, de Jacinta Escudos. In: FAQUERI, Rodrigo de Freitas (org.). *Na literatura, as violências* [recurso eletrônico]. 1. ed. Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2024. E-book.

BORDIEU, Pierre. A dominação masculina. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil, 2010

BRAIT, Beth. *A personagem*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1985.

BUTLER, Judith. El género en disputa, tradução de Maria Antonia Muñoz, 2007, Espanha.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORTEZ, Beatriz. *Estéticas de dolor: narrativa de Jacinta Escudos y Horacio Castellanos Moya*. San Salvador: Universidad Centroamericana José Simeón Cañas, 2007.

ESCUDOS, Jacinta. *Cuentos sucios*. San Salvador: Editorial Delgado, 1997.

ESCUDOS, Jacinta. El Diablo sabe mi nombre, San Jose -Costa Rica, Unik Editores, 2008.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

GUZMÁN, Christy Beatriz Najarro. A morte como forma de exílio na narrativa de Jacinta Escudos (Dissertação de Mestrado do programa de pós-graduação em Letras). Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba, 2013.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019a.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019b.

MELARA, Nuria Jenniffer Sermeño. Mujer y literatura en El Salvador. Análisis de las novelas Memorias de Oppède (Sunsín, 1998), Cuando los hombres fuertes lloran (Suárez, 1976), El Rostro en el espejo (González-Huguet, 2006), Entre cielo y tierra (Arias, 2008) y Dios tenía miedo (Núñez-Handal, 2011). Licenciatura en Ciencias del Lenguaje y Literatura. Universidad De El Salvador Facultad Multidisciplinaria De Occidente Departamento De Ciencias Sociales Filosofía Y Letras. Santa Ana, El Salvador, Centroamérica, 2014.

SAFFIOTI, Heleinieth. Gênero Patriarcado Violência. São Paulo. Fundação perseu Abramo, 2015.

WITTIG, Monique. Não se nasce mulher. In.: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pensamento feminista*. Conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Recebido em: 19/11/2025.

Aceito em: 13/11/2025.